

Cafuné

Escrito por Pâmella Figueiredo

Nossa, tá frio hoje! Não esperava que aqui pudesse fazer tanto frio! [pausa] É, ainda bem que eu sempre ponho um casaco de lã na mala, porque sou friorenta e acho estiloso. [pausa] Claro que casaco de lã é estiloso. Coisa de nerd nada, larga de ser chato, garoto. [pausa] Ah, tá! Só porque agora é um menino do Rio todo estiloso, você quer falar que eu não sou estilosa?! Tô chocada com a sua cara de pau. [pausa]

Não, eu não sou patricinha, eu não vivo comprando roupa, tá? [risos e pausa] Magina!

[falando com ar de riso] Cara de “tadinha”? Vê se se enxerga, garoto! Só porque eu sô pequena e ando arrumadinha eu pareço uma boneca? Uma pessoa que todo mundo tem que proteger? [risos e pausa] Juro que eu não sei da onde vocês tiram isso. [pausa]

Que livro é esse aí? [pausa] Livro de direito. Quem olha até pensa que você é advogado, de tanto livro de direito espalhado aqui... [pausa] Cê tem lido o quê? [pausa] Eu? Eu trouxe “Ensaio Sobre a Lucidez”, do Saramago pra ler durante a viagem, terminei de ler “Ensaio Sobre a Cegueira” e gostei abeça. [pausa] Como assim não gosta dele? [pausa]

[fala fazendo careta] Porque ele não usa pontuação e tem parágrafos que passam de 5 páginas. [pausa] Tanto faz, cara! [pausa] É, tanto faz! Se a história for boa. [pausa] É o quê?! Saramago era um gênio! Pelo amor de Deus, você não sabe o que você tá dizendo. Você nunca leu, comé que vai saber se gosta ou não? [pausa] Mano, você perdeu as melhores partes do livro. Você tem noção da crítica social desses livros? [pausa]

Eu sei que você tem. [pausa] Mas é que o primeiro fala de uma pandemia de cegueira coletiva, uma cegueira de ética, uma cegueira moral, uma cegueira de humanidade. Sem falar na parte da quarentena que faz parecer que a que a gente viveu tava de boas... [pausa] Pois é, imagina, o cara pensou numa pandemia, nas consequências e a pandemia era biológica e também social, quer mais parecido com que a gente tá vivendo hoje? [pausa] Sim, as pessoas tão cegas, a ditadura volta a bater na porta e ninguém faz nada. [pausa] Nesse livro que eu tô lendo as pessoas dão o troco e não vão votar, porque não tem ninguém que represente elas. E tavam lá os políticos... [pausa breve] assassinando pessoas, querendo achar culpados porque o povo acordou. [pausa] Sim, igual com a Marielle e

como fazem com tantos outros aqui no Brasil.[pausa] Em pensar que eu queria ter vivido a fase da Tropicália, porque as pessoas pareciam mais politizadas, pareciam se importar, sei lá...[pausa breve] e a arte fervilhava, e eles criavam coisas incríveis. Mas eu nunca pensei em ter que lutar por direitos que eu nasci tendo.[pausa] Acho que isso que tá acontecendo tem a ver com aquele paradoxo da tolerância e da democracia, que você já deve tê ouvido falar. Hoje em dia pra gente ser tolerante ou democrata a gente tem que aceitar todas as opiniões, mas que isso tem que tê um limite, porque se a gente aceita ideias sobre ditadura, ou preconceituosas, ou fascistas, a gente vai tá aceitando que um dia nossos direitos vão acabar. Enfim, eu acho muito louco isso tudo que tá acontecendo.[pausa]

Sei lá, eu também nunca imaginei que hoje ia ser professora de arte. Eu achava que eu ia ser outras coisas quando eu era criança. No Ensino Médio, por exemplo, eu achava que eu ia ser engenheira, depois quis ser jornalista. Eu nunca ia imaginar que o Levvi seria youtuber, um negócio que nem existia direito na nossa época. Nem pensava que eu ia ser atriz, o Bruno cineasta e você economista. Até porque você tava muito mais pra artista do que eu.[pausa] Porque cê escreve bem, desenha bem.[pausa longa] Você nunca me assistiu atuando nem dançando, como é que sabe que eu sou boa? Cê viu coisas muito pequenas que eu fiz.[pausa] “Porque eu amo o que eu faço”, melhor resposta, tomara que todo o meu amor pelo ofício me faça pagar as contas e tê o que comer.[pausa]

[fala dando risada]Tá, vou repetir pra mim mesma que eu sou boa até eu ficar boa.[pausa]

É muito bom tá aqui com você, mas aqui dentro e não lá fora.[pausa] É, aqui eu me sinto mais confortável do que em outros lugares, eu posso andar com qualquer roupa e falar qualquer coisa sem ser julgada, ouvir um disco de vinil e ler meu livro em paz. Mas eu não consigo conviver com a miséria que o Rio tá vivendo lá fora.[pausa] Ainda bem que quando passei pra fazer jornalismo na eu não vim. Eu acho que eu surtaria[pausa] Eu não sei como você consegue viver com toda essa miséria, Jaasi. Você sai do banco, da farmácia, da padaria e tem famílias te pedindo dinheiro e comida.[pausa]

Eu sei que a culpa não é minha, mas eu não sei o que fazer.[pausa] Só olhar?[pausa] Eu não sei lidar com “pessoas invisíveis”, eu não sei se conseguiria vivê aqui. Isso me dá falta de ar.[pausa breve] Angústia.

[pausa breve] Eu já chorei no meio da rua.[pausa] A cidade é linda, mas pra quem tem os olhos seletivos. Não é o meu caso.[pausa] É dessa cegueira que o Saramago tá falando. As pessoas não querem ver, ou não conseguem.[pausa]

[fala olhando para o nada, distraída]Eu vou tentar montar uma peça e voltar a dançar.[pausa longa, parece reflexiva]

Como assim se eu faria o Gil?[pausa] Sei lá o que cê tá falando... [pausa] Ah, você tá perguntando se eu faria *com* o Gil...[pausa curta] nessa época.[pausa] Não sei que tipo de pergunta é essa. Mas acho que sim.[pausa] Vou pegar mais chá pra gente.[pausa]

Sobre o quê vai ser?[pausa breve] Sobre a gente.[pausa] Você acha que as pessoas se importariam de passar 40 minutos na sua sala de estar, comendo um pão que você fez e tomando chá.[pausa] Claro que você é maravilhoso.[estrondo e pausa] Quê que foi isso? Foi o Belchior?[pausa e risos] Você ainda acha que ter gato é mais fácil do que ter cachorro? [pausa] Ter cachorro é legal![pausa] Tá, ter gato também é muito legal por essa questão deles serem mais independentes e ainda assim muito carinhosos, por isso eu tenho os dois, o melhor dos dois mundos. E eu tenho em dobro, dois de cada.[pausa] Não sei onde vou enfiar tanto bicho quando eu me mudar.[pausa longa] Ainda não decidi.[pausa] É muito legal deixar a casa dos seus pais e crescer, mas se eu venho pro Rio eu tenho medo, se eu vou pra Minas não sei se eu tenho emprego e se eu for pra São Paulo tenho medo da cidade me engolir. O tempo lá passa diferente dos outros lugares.[pausa]

Cê tem um vinil de música clássica? Chocada! Não sabia que você curtia, achei que você gostava só de cantor indie.[pausa] A gente pode dançar se você quiser, pro nosso corpo ficar odara.[pausa] Eu só tô me recompondo.[pausa]

Já parou pra pensar que às vezes a gente quer tanto uma coisa e fica insistindo naquilo e quando a gente... sei lá...[pausa muito breve] desiste, cansa ou esquece... a coisa às vezes acontece e ela não tinha o mesmo peso que você achou que ela tinha antes?[pausa] Não sei, acho que é porque eu sou ansiosa eu fico me perguntando muitas vezes algo, quase de maneira obsessiva e depois quanto eu tenho a resposta, ela não importa tanto mais, sabe?[pausa] Acho que quando a gente planeja muito uma coisa dá nisso. Acho que por isso a minha vida é fazer listas pra tudo, ela se resume em listas: é lista de compras, lista do que vou

fazer no dia, na semana, no mês, no ano, lista de gasto, é lista lembrando de fazer lista. Isso cansa. Quando eu não dou check em alguma coisa já bate o desespero. E é o excesso de planejamento, o excesso de coisa... quase não dá pra respirar e às vezes o respiro vem cheio de pressão. Porque eu não posso respirar o dia todo, eu tenho que ter tempo planejado pra isso e praquilo, e isso traz muita tensão e dores nas costas e falta de ar.[pausa] Desculpa o desabafo, é que não só os artistas, mas as pessoas de maneira geral, pra verem beleza na vida, precisam de ócio. A moça do aplicativo de meditação que eu tenho feito disse isso.[pausa] Você devia praticar meditação, yoga... eu sempre quis fazer e quando a gente passou tempo demais em casa eu passava meus dias consumindo arte, [fala sorrindo]fazendo pão, que não chega nem perto do seu, trabalhando, cuidando dos bichos lá de casa, eu tirei um tempo pra baixar apps de yoga e meditação. Você devia tentar. Cê vai gostar. Queria fazer circo também, mas não tem app pra isso.[pausa] Eu sei que você fez uma oficina de circo curtiu. Se você quiser virar artista vai ser acrobata no circo.[pausa longa]

Você continua tendo medo de inseto?[pausa] Porque tem uma aranha atrás de você? Tá, foi a Tay que colocou essa aranha aí... mas eu tinha me esquecido que você odeia qualquer tipo de inseto, mesmo a aranha não sendo muito bem um inseto. A gente sempre se complementa às vezes. [pausa] É, eu e você.[pausa] Você é mil vezes mais racional do que eu e o Levvi mais racional do que você, por isso quando eu preciso de alguém racional eu falo com ele. Tá, voltando... você lembra da prova de Biologia que eu estudei metade e você a outra metade, e no final, sem combinar nada, o que você tinha estudado era a parte que eu não estudei e a gente foi muito bem na prova?[pausa] É, uma raridade pra mim no terceiro ano do ensino médio... [pausa, respira e continua]ano no qual eu só queria dar um tempo, respirar, sem me preocupar com nota, porque a vida já tava complicada demais.[pausa]

Nossa vida era tão mais fácil e a gente não sabia. É, na verdade só no aspecto político mesmo, porque eu não voltaria atrás e viveria a adolescência de novo. Meus avós morrendo. Meus pais se separando, eu sem grana, tentando sair de casa e morar de favor, me apaixonando pelo Freitas[pausa e risos]. Mano, depois foi hard... vários anos de depressão... não foi nada fácil. Vocês foram embora.[pausa] O Bruno ficou cada vez mais distante. Pensei que eu queria morrer. Que alguma

coisa me tirasse daquele quarto.[pausa] Ai, vamo mudá essa música. Coloca uma mais feliz?[pausa] Tá depois desse disco coloca Novos Baianos. Já volto. Dois segundos![pausa]

Você viu que o pessoal da escola já tá casando e tendo filho? Eu me sinto uma criança quando vejo isso.[pausa] Não, eu não conseguiria. “Constituir família”, acho esse termo hilário inclusive. Enfim eu não conseguiria...[pausa breve] não agora com 20 e poucos anos.[pausa] Eu sei que eu sou boba, e que eu acho que a gente vai ser o Caetano, a Gal ou o Gil da nossa geração.[pausa] Mas eu acho que a gente vai coisas grandes. A gente vai deixar uma herança...[pausa breve] um dia vão descobrir que a gente veio do mesmo lugar, e fez ensino médio na mesma escola do interior.[pausa] Eu lembro sempre daquela música do Jeneci: [recita a música]Éramos célebres líricos, éramos sãos, lúcidos céticos, cínicos não.[pausa e ri] Eu não canto porque eu canto mal. Desisti de ser cantora quando era criança ainda. Percebi que era melhor fazendo arte de outras maneiras.[pausa] É, eu acho que os nossos filhos e netos vão ter orgulho dagente.[pausa] Tá. Não. Filhos nem sei se eu quero ter, é só uma ideia.[pausa] Eu sei que parece fácil pra mim falar que eu não quero ter filho, mas a sociedade sempre julga uma mulher sem filhos. Mas hoje é louco colocar um filho no mundo.[pausa] Eu sei. É pior ainda pra você homem gay querer ter filhos.[pausa]

As pessoas não entendem seus próprios desejos e ficam tentando controlar o das outras pessoas. Só Freud explica. Essa parada de você controlar o desejo do outro, acaba matando o outro vivo. Quer tortura maior? Matar uma pessoa viva porque você tá matando o desejo dela de viver.[pausa] É isso que quem é gay e que é mulher sofre sempre. a gente sofre tanta repressão, que o nosso desejo acaba, e se a gente não tem mais desejo por nada, pra quê viver?[pausa longa] É, meu psicólogo, que é psicanalista, creio eu que lacaniano, fala que isso se chama morte do desejo.[pausa]

[fala rindo]Se ele é gato?[pausa] Ele é bonito sim. E agora eu corro o risco de perder meu psicólogo de anos por responder a sua pergunta no meio de uma peça.[pausa] Mas eu nunca teria coragem nem de me atrever a perguntar nada sobre a vida dele, muito menos, sei lá, ter um contato muito próximo. Tudo o que eu sei dele é obra do acaso, e eu morro de vergonha de falar com ele na rua, eu chego a me esconder. Esbarrei com ele ano passado no meio do bloco, não sabia nem onde

enfiava a cara. Você conhece a Laurinha Lero?[pausa] Tem um episódio que ela fala sobre o psicólogo dela ser bonito e tal, e como isso ajudava ela a ir na terapia.[pausa longa] Se eu me mudar pra São Paulo como eu faço sem o meu psicólogo?[pausa] Ele é mais do que um homem bonito que me escuta interessado, acho que às vezes, nem tão interessado, porque eu posso ser um pouco repetitiva dada a minha ansiedade. Lá eu posso me abrir e me ouvir, sabe? Enfim... Espero que ele continue me atendendo à distância. Fazer terapia é essencial na minha vida escrotizada. Cê devia fazer terapia. Vai te ajudar muito. Nem sei em quê exatamente, porque você sempre parece bem resolvido, mas isso iria te ajudar tanto. Esse é um conselho que eu dou pra todo mundo.[pausa]

Por quê tem coisa que a gente vai se lembrar de detalhes pro resto da vida, e tem coisa pra cacete que a gente sofre ou fica alegre por elas e que parecem monstruosas... a gente fica repetindo muito sobre isso e falando naquilo e depois de um tempo a gente nem se lembra mais. [pausa] Pelo menos comigo é assim, não sei se é porque a gente dá importância pra coisa que não deve ser dada tanta importância, ou se é de tanto repetir dentro da nossa cabeça ou pros outros sobre aquele assunto, que depois a gente nem se lembra mais.[pausa] Não sei, mas tenho a impressão que já fiquei muito feliz, muito triste e muito irritada com várias coisas que eu nem lembrava que tinha acontecido, mas minha mãe lembra ou o meu namorado. É estranho isso, mas eu lembro de coisas pequenas com muito mais frequência.[pausa] Às vezes é só impressão minha mesmo.[pausa]

Não, a minha peça vai ser bem pequena, eu posso fazer até no sofá da sua sala.[pausa] Sei lá, Jaasi. Não sei se posso voltar a dançar na minha idade.[pausa] É, o meu braço tá parecendo uma coxinha de galinha. [pausa] É, eu pulava em cima de vocês porque eu achava que ninguém deveria ter vergonha de demonstrar afeto em público e aqui estou eu, falando que isso é ser adolescente, porque demonstrar afeto não precisa ser pulando em cima de alguém.[pausa] Não, mas sem julgamentos com os adolescentes é claro. Enfim, eu era muito sem noção. Imagina, você todo engravatado e eu pulando em cima de você? Que vergonha que seria. Mas a cabecinha dos adolescentes tá cada vez mais complicada, eu adorei dar aulas pra eles nos estágios da faculdade, mas eles viviam falando de morte, suicídio...[pausa] o que fizeram com essas crianças?[pausa] É uma época difícil pra se estar vivo.[pausa longa] Mas eu entendo, é aquela

parada que eu tava falando antes...[pausa breve] de morte do desejo... [pausa] hoje em dia se fala que se pode tudo, mas tem muito mais gente julgando o tempo todo, pressionando, apontando dedo. Nas redes sociais se vende a falsa ilusão de alegria pras pessoas.[pausa] Sim, é isso que eles falam o tempo todo, que eles não podem ser eles mesmos, ou não querem ser eles. Eu sei que vivi isso na adolescência, mas não eram todos os adolescentes que eram assim, hoje em dia me parece que é a maioria. Sei lá, parece que é uma ditadura velada, das redes sociais, da “família de bem”, “da moral e dos bons costumes”. [pausa]

Você quer um cafuné? Eu e o Flávio a gente inventou uma parada chamada cafunagem, cafuné com massagem. Ele é ótimo fazendo cafuné e me ensinou... e eu aprendi com a vida de artista a fazer massagem pra não ficar com tensões, e também ensinei o que eu sei pra ele. Se ele tivesse aqui um faria cafuné e o outro faria a massagem. A chamada cafunagem. [pausa]

Que morro é aquele?[pausa] É ali que fica aquela escola de samba? [pausa] Aqui é muito bonito.[pausa] Lembra quando eu fui assaltada no meio do show da Elza e os policiais não fizeram nada?[pausa] A cidade tá mal tratada e as pessoas também. Mas as casas históricas, museus e o Municipal continuam lindos demais. É uma cidade que o passado se faz presente o tempo todo e isso é tão bonito, eu passo pelos lugares e fico pensando quanta gente já passou ali. Gente que nem sonhava que hoje o mundo ia tá assim... quem viveu o mundo de muito antigamente, não existia luz elétrica direito... Imagina viver sem internet? Tenso! Pensar que eu vivi até a minha adolescência sem computador. Enfim, eu fico pensando se eles tavam felizes, ou tristes quando passaram por esses lugares ou se era só mais um dia comum. Isso é muito bonito no Rio, o contraste, e pelo menos, o mínimo de respeito com a história, mínimo mesmo, porque tudo poderia estar bem mais conservado.[pausa] [fala pausadamente]É mas ainda assim quando eu penso no que essas pessoas sentiram me dá um misto de sentimentos que nem sei te explicar.[pausa mais longa]

Claro, eu imagino histórias o tempo todo, no ônibus, no elevador, mas sempre histórias pensando nas pessoas e nos sentimentos delas e no que elas pensam. Eu curto ficar pensando no que o outro tá pensando. Meu psicólogo fala que eu tenho muita imaginação e pra eu não confundir isso com a realidade a melhor coisa que eu faço é sublimar.[pausa] Tipo... transformar angústias e excesso de imaginação em arte.[pausa]



Meu Deus! [pausa]

Tá, é só uma expressão, eu sei que você não acredita na existência de um Deus, e eu não acredito e nem desacredito, mas eu só queria dizer que tá muito tarde. É uma discussão longa que eu não tô afim de começar. Amanhã eu tenho que decidir pra onde eu vou, se eu fico aqui, se vou pra São Paulo ou BH... eu tenho que decidir a minha vida e eu tô aqui conversando com você. [pausa]

Tomara! Tomara que dê certo a gravação do filme, as peças e que eu encontre um lugar que eu me sinta em casa como aqui. [pausa] É, o dinheiro que eu tenho dá pra me manter por um tempo e onde eu for eu posso dá oficina de teatro, mas a questão é: onde? [pausa] Eu acho que essa é mais uma das vezes que eu tô pensando demais em algo simples, fazendo listas e depois nem vou lembrar do que me aconteceu. [se alonga] Não, eu não sei se eu vou voltar a dançar, mas quem sabe? [ri] Bora dormir? Tá tarde... Você tem que trabalhar e eu tenho a minha vida pra ajeitar, então boa noite. [pausa] Acho que hoje eu não preciso de ventilador não. Um cobertor eu tô aceitando.

[olha em volta se espreguiça e levanta, sai andando enquanto fala, a voz vai sumindo ao fundo] Você tem certeza que não quer meditar comigo? Bora. É manêro! Eu num sô chata, só quero seu bem, querido.



“Cafuné”, de Pâmella de Almeida Figueiredo, está licenciado com uma licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC-BY-NC-ND). Isso significa que esta não é uma licença de "cultura livre", pois requer que "reutilizadores" creditem a criadora. Esta licença permite que "reutilizadores copiem e redistribuam o material em qualquer mídia ou formato apenas para fins não comerciais. Não poderá ser redistribuído o material modificado, como "pastiches", "remixes", adaptações ou trabalhos baseados neste. No entanto este trabalho está disponível de forma gratuita online e pode ser compartilhado desde que:

BY: a autora seja creditada como criadora deste material;

NC: apenas cópias não comerciais podem ser feitas - você não está autorizada(o) a lucrar com esta obra;

ND: Nenhuma adaptação deste trabalho está permitida.